



ARAÚJO & OPHÉLIA

Ricardo Azevedo

Resenha

Quando Araújo, um simpático velhinho de quase 80 anos de idade, descobre que as árvores de uma praça quase abandonada de sua cidade vão ser derrubadas para dar lugar a um moderno *shopping center*, fica inconformado. Imediatamente, corre até a praça para ver se a mangueira, sua árvore preferida, ainda está de pé. Por sorte, ela ainda está lá, como ainda está lá o pequeno coração que ele havia gravado no tronco da árvore anos antes, com os dizeres: "Araújo ama Ophélia".

Araújo decide, então, ir atrás de Ophélia, sua primeira namorada, que ele não via há quase sessenta anos. Depois de conversar com ela e relembrar o passado, Araújo lhe fala do perigo que ameaça a bela árvore, que tanto significado tinha para eles. Decididos a fazer algo, os dois se dirigem à polícia, buscam o auxílio da prefeitura, mandam cartas indignadas aos jornais, porém, ninguém se decide a colaborar. Como desistir está fora de questão, os dois recorrem, então, a uma última saída: sobem na mangueira e se negam, terminantemente, a descer até que lhes garantam que não apenas a mangueira, mas todas as árvores da praça continuarão de pé.

A delicada narrativa de Ricardo Azevedo conta a história de uma pequena revolução, não menos significativa e importante por seu caráter singelo. Uma revolução iniciada por dois personagens que, em nossa visão muitas vezes estereotipada e rígida, tenderíamos a imaginar serem os últimos a ter força suficiente para iniciar o movimento necessário para qualquer mudança se processar: um casal de idosos. A idade, nos diz o autor, não é um bom critério para dividir as pessoas: "*Conheço velhos tão cheios de energia que*

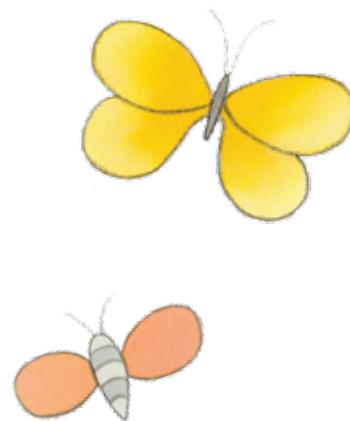


Coordenação:
Maria José Nóbrega

parecem e agem como jovens. Vejo também, por aí, jovens tão sisudos, desanimados e complicados que parecem até gente velha”.

Araújo e Ophélia são um bom exemplo desses velhos-jovens: com determinação inquebrantável, conseguem fazer com que os moradores da cidade se deem conta das coisas preciosas que estão prestes a perder em nome do crescimento da cidade, do progresso. Numa passagem emblemática do livro, o engenheiro responsável pela demolição afirma desdenhosamente que as árvores não possuem utilidade nenhuma — enquanto um *shopping* gera empregos, lucros, crescimento. O casal de velhinhos, porém, nos faz lembrar que algumas das coisas mais significativas e valiosas que encontramos em nossas vidas não podem ser medidas por sua utilidade. Qual a utilidade de um coração gravado num tronco para uma namorada?

Mais do que o problema da ecologia e do meio ambiente, que certamente se apresenta de modo central no livro, talvez a questão mais pungente que o texto apresente seja a da necessidade de preservar as pequenas e singelas coisas que preenchem nossas vidas de sentido, mesmo em meio ao mundo caótico e muitas vezes frio da cidade grande.



Depoimento

De Cinthia Rodrigues,
jornalista e mãe

Os velhinhos Araújo & Ophélia, de Ricardo Azevedo, são pura inspiração para crianças que amam a natureza e estão dispostas a lutar por ela. Os dois vão da aparência caricata do vovô careca e da vovó de cabelos brancos presos em um coque a heróis capazes de trepar em árvores e liderar uma comunidade contra o progresso insensato.

Já nas primeiras linhas, enquanto o texto conta a intenção dos “homens de negócios” de derrubar árvores para construir um *shopping*, a ilustração apresenta um personagem com uma parede cheia de menções a ambientes naturais e uma partitura musical no chão. Em casa, a identificação começou aí: Araújo tinha o mesmo gosto que meus filhos.

O velhinho fica sabendo do plano dos engenheiros, calça um tênis, visita a árvore em que escreveu

seu nome e o de Ophélia, sua primeira namorada, e resolve procurá-la para juntos defenderem a praça. Os dois vão à polícia e reclamam na prefeitura sem resultado. Até que chega o dia do início das obras e tomam uma atitude que as crianças adoraram: sobem nos galhos da mangueira e enfrentam o responsável pela obra de lá. Meus filhos vibraram.

A história é cheia de listas. Numa das primeiras, enumeram-se os afazeres dos operários da remoção de árvores e ninhos até deixar “tudo lisinho”. Em outra, as 29 coisas que chegaram em caminhões são descritas em ordem alfabética, de alicates até tintas. Perto do final, vizinhos que assistem à cena começam a contar como usam a praça: brincando, aproveitando a sombra, estudando, colhendo frutas, fazendo esportes, lendo e de outras dezenas de maneiras. Uma releitura da obra *Operários*, de Tarsila do Amaral, ilustra essa página.

Conversamos sobre quais desses usos nós também fazemos das praças que frequentamos, e foi como participar expondo nossos próprios motivos para a não derrubada das árvores. Falamos

também sobre atitudes que podem inspirar outras pessoas e a força que uma comunidade tem quando age unida. Os dois se lembraram que uma vez nós também enfrentamos alguns operários da prefeitura que queriam jogar um caminhão de terra sobre um pequeno laguinho de uma praça próxima ao nosso apartamento. Ficamos lá por algumas horas, depois apareceram outras pessoas e a imprensa. A ordem para aterrizar acabou sendo retirada e até hoje o laguinho segue vivo.

O autor descreve a ação de Araújo e Ophélia com “alegria, esperança e entusiasmo” e tais sentimentos contagiaram as crianças. Ao final, meus filhos estavam determinados a seguir o exemplo do casal. Lembraram-se das árvores que conhecem desde que nasceram e prometeram acompanhá-las até quando estiverem velhinhos.



Um pouco sobre o autor

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Faap e doutor em Letras, na área de Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo. Casado, pai de três filhos, gosta de ler, ouvir música e conversar com os amigos.

Começou a produzir livros infantis em 1980, com *O peixe que podia cantar*, e até hoje já publicou mais de cem títulos. Destaca-se em seu trabalho a pesquisa em literatura popular, que resultou em publicações como *Meu livro do folclore*, além de sua saborosa produção poética para crianças, como *Dezenove poemas desengonçados*.

A respeito da literatura diz: “Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só

compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambiguidades, a busca do autoconhecimento, coisas banais que fazem parte do dia a dia de todas as pessoas. Para mim, a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo”.



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Chega de saudade*. São Paulo: Moderna (Um outro livro maravilhoso que Ricardo Azevedo produziu a partir de Araújo & Ophélia).
- ✦ *Contos de enganar a morte*. São Paulo: Ática .
- ✦ *Contos de encanto e alumbramento*. São Paulo: Scipione.
- ✦ *Contos dos bichos do mato*. São Paulo: Ática.

Sobre o mesmo assunto

- ✦ *O livro das árvores dos índios Ticuna*, Organização de Jussara Gomes Gruber. São Paulo: Global.
- ✦ *Árvores – um retrato da natureza muito viva*, de Silvana Menezes. São Paulo: Cortez.
- ✦ *Outono do Álamo*, de Kazumi Yumoto. São Paulo: Martins Fontes.
- ✦ *Os amigos*, de Kazumi Yumoto. São Paulo: Martins Fontes.

